A
PROVÍNCIA
FRANCISCANA
DA
IMACULADA
CONCEIÇÃO
DO SUL
DO BRASIL,

que abrange os Estados de Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, Sul de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, celebra no ano de 1975 o seu III Centenário de Criação, como Província independente, pois até 1675 pertencia à Província de Santo Antônio do Norte do Brasil. A primeira Residência do Pe. Provincial foi o Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. E Frei Fabiano de Cristo foi um de seus ilustres filhos.

Assim a publicação de sua vida é uma homenagem a ele e, ao mesmo tempo, uma homenagem ao Tricentenário da Província da Imaculada Conceição do Sul do Brasil.

FREI FABIANO DE CRISTO

fr. hugo d. poggio o.f.m.

FREI Fabiano de Cristo

FREI HUGO D. BAGGIO, O.F.M.

CONVENTO DE S. ANTÔNIO
Rio de Janeiro
1974

PREFÁCIO

A acanhada capela, ao lado direito da igreja de S. Antônio, no Rio de Janeiro, que guarda a urna com os ossos do Servo de Deus Frei Fabiano de Cristo, vê diariamente desfilarem os fiéis que pedem ao humilde franciscano proteção e graças em suas angústias. Os inúmeros ex-votos e, particularmente, a quantidade de humildes bilhetes escritos com letra trêmula e não raro com formulações rudes, comprovam que não é em vão que os fiéis a ele recorrem. Mas não é só na sua capela que Fr. Fabiano atende. De muitos pontos do país chegam ao Convento de S. Antônio cartas, atestando que a devoção ao irmão enfermeiro do Convento de S. Antônio cresce, dia a dia.

A procura de biografias, orações ou outros elementos informativos sobre Fr. Fabiano é constante. Foi diante desta devoção e desta procura que resolvemos elaborar estas poucas páginas, resumindo

nelas o pouco que se sabe sobre a figura deste irmão franciscano que viveu no século XVIII, na cidade do Rio de Janeiro, fazendo-se amar por todos os seus contemporâneos e continuando até os nossos dias a ser procurado e invocado. Até o momento a Igreja não se pronunciou oficialmente sobre a heroicidade das virtudes deste servo de Deus, ainda que se tenha tentado, embora sem um trabalho verdadeiramente organizado e capaz de levar a causa até o fim.

Escreveu-se relativamente bastante sobre Fr. Fabiano, existindo uma série de artigos esparsos em revistas e jornais mais antigos e mais recentes. Um contemporâneo seu, Frei Apolinário da Conceição, escreveu a primeira biografia, intitulada «Eco Sonoro». Frei Pedro Sinzig, por ocasião da descoberta dos ossos, publicou outra com o título «Um Servo de Deus no Rio de Janeiro: Frei Fabiano de Cristo». Uma mais alentada foi escrita por Frei João José P. de Castro, com o título «Frei Fabiano».

A presente biografia é um resumo destes trabalhos todos e deseja simplesmente satisfazer aos muitos pedidos que são

dirigidos ao Convento de S. Antônio e às muitas procuras de pessoas devotas de Frei Fabiano. Além disso, quer ser uma colaboração para manter vivo o culto de Fr. Fabiano, uma vez que é uma das grandes figuras da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil que, no ano de 1975, celebrará o Terceiro Centenário de sua criação.

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1974
Frei Hugo D. Baggio, O.F.M.

DA TERRA DOS DESCOBRIDORES

Desde a hora em que os portugueses revelaram o Brasil ao mundo, no ano da graça de 1500, nunca mais perderam o amor por ele. Continuamente, e isto até os nossos dias, os filhos de Portugal deixaram sua terra e buscaram as terras brasileiras, onde se sentem naturalmente em casa. O Brasil os acolhe e os abriga e, em troca, dão eles a colaboração da sua força física e de seu braço, de sua inteligência e de sua inspiração. Não esqueçamos, porém, a forte atração do convite à aventura, mormente nos primeiros tempos do Brasil-Colônia. Houve momentos que, de modo particular, a aventura exerceu influência sobre a emigração portuguesa. Um destes momentos foi o final do século XVII, quando em Minas Gerais o ouro explodiu como fulgurante chamariz, acenando com rios de riquezas a quem ousasse lançar-se ao seu encalço. Entre os muitos portugueses que, nes-

ta altura da história, por aqui aportaram, interessa-nos a figura de *João Barbosa*...

Bem, mas antes de falarmos desta viagem e desta chegada, vejamos um pouco o passado deste homem. Ao norte de Portugal, às margens do rio Minho, existe, ainda hoje, uma pequena aldeia que leva o nome de Soengas. Entre as muitas famílias de vida simples que ali viviam, dedicadas sobretudo ao cultivo da uva, encontrava-se a de Gervásio Barbosa, que contraíra matrimônio com uma filha da família Gonçalves. Cinco meninas e um menino eram a preocupação e, ao mesmo tempo, a alegria daquele lar. A pobreza era-lhes um peso, mas mesmo assim a felicidade morava lá, pois viviam a verdade «com Deus o pouco é muito». Deus contava, em verdade, naquele lar, tanto assim que quatro das filhas se fizeram religiosas, o mesmo acontecendo com o menino, como veremos.

João veio à luz do dia em 8 de fevereiro de 1676. Na pia batismal lhe puseram o nome de João porque, neste dia, a Igreja celebrava a festa litúrgica de S. João da Mata. Os anos de infância e adolescência de João permaneceram na obscuridade, pois a história — tanto em Portugal como no Brasil —

pouco pormenores guardou desta fase. Levou, certamente, a vida simples e sofrida de família pobre que devia arrancar da terra o pão de cada dia. Sabe-se que João, por alguns anos, tomou conta do pequeno rebanho do pai, constituído por um grupinho de ovelhas. Ali, na pureza do campo e na simplicidade da natureza aprendeu a docilidade e a meiguice próprias de um pastor, que mais tarde empregaria no trato com os homens. Além disso, nas estações da colheita, ajudava a família a recolher os cereais, a única fonte de renda familiar. Assim, pouca oportunidade teve de travar contacto com os livros.

À PROCURA DE ALGO MAIS

Apesar de ter adquirido poucos conhecimentos científicos, tinha a inteligência suficientemente aberta para perceber que o ambiente que o cercava não era resposta para seus ideais. Sabia ele que sua família fora, outrora, abastada e que em seu sangue corria a nobreza antiga, agora oculta na pobreza, nascida de reveses históricos. Parece que no rapaz despontou o desejo de restabelecer a antiga nobreza dos Barbosas. Mas não seria em Soengas que isso poderia acontecer.

Para fugir à estreiteza daqueles horizontes acanhados, onde o futuro parecia ter encalhado, o jovem João lançou seu olhar para o sul do país. E, no primeiro instante, pareceu-lhe que o caminho mais conforme a suas possibilidades e mais apto a realizar rapidamente seus planos seria o comércio, carreira comum e próspera naqueles tempos. Por isso dirigiu-se à cidade do Porto, onde as possibilidades lhe acenavam mais abundantes e ricas, pois, sendo uma cidade marítima, aportavam ali navios de todas as colônias portuguesas e de outras partes do mundo com quem Portugal de então mantinha relações comerciais. Como é fácil de compreender, aportavam à cidade tipos de indivíduos de variados matizes, trazendo dinheiro, mas também mil histórias fantásticas de terras e gentes distantes e de riquezas das Mil e Uma Noites. Tudo isso acendia, com facilidade, a fantasia e o entusiasmo de qualquer jovem.

No final do século XVII, a novidade mais ambiciosa que os marinheiros traziam a Portugal era a descoberta abundante do ouro em Minas Gerais, onde o ouro se encontrava não só nos filões perdidos no coração da montanha mas a própria montanha já se transformara em ouro. Bastava deitar a peneira nas águas límpidas do regato e ela saía cintilante de pepitas de ouro. E a cobiça começava a arquitetar planos a partir das notícias maravilhosas vindas do Brasil.

João Barbosa não podia ficar alheio a estes convites. Como os demais, também ele viu lá longe, no Brasil, despontar a solução de seus problemas: o muito ouro. Com ele poderia enriquecer e regressar, ao depois, a

Portugal e reintegrar a família Barbosa nas antigas posses e voltar a dourar o brasão enegrecido pelo tempo. Assim sonhava o jovem, talvez esquecido que na sua terra se dizia: o homem propõe, mas Deus é que dispõe...

À BUSCA DO OURO

Como tantos outros, assim também o ambicioso João Barbosa forjou um plano: iria ao Brasil. E do plano passou à realização. Desfez-se do pouco que possuía, arranjando assim um pequeno pecúlio. Despediu-se dos pais e irmãos e empreendeu a penosa viagem rumo às terras brasileiras. Após meses do balanço do mar — nem sempre agradável nas condições daqueles tempos — aportou no Rio de Janeiro, onde nem a belíssima natureza, nem a agitação comercial o seguraram, pois tinha um objetivo claro: as minas... Refeito da viagem marítima, começou outra, não menos penosa, por terra.

Realmente, segundo testemunho dos contemporâneos, a viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais era algo de aventureiro e ousado, que reclamava muita coragem. Mas, como sempre, o ouro era um convite dourado a infundir forças a todos aqueles homens embriagados pela miragem da riqueza. Do

Rio de Janeiro seguiam por mar até Parati, na enseada de Angra dos Reis. Subiam, então, a serra até Taubaté, às margens do Paraíba. Por ali cruzava a estrada que vinha de São Paulo rumo a Minas. Daí vinham a Pindamonhangaba e Guaratinguetá, onde abandonavam o rio Paraíba e metiam-se pela serra da Mantiqueira adentro. A travessia da serra era algo de sobre-humano. Por causa do péssimo estado das estradas, deviam os homens descarregar as montarias e levar as cargas aos ombros. Atravessada a serra vinha mais um trecho de caminho que subia montes e cortava vales, para afinal desembocar na região das promessas douradas: o Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo (hoje Mariana) e Ouro Preto.

Estabelecera-se por ai uma estranha sociologia: escravos vindos da África ou aprisionados entre os índios, senhores e administradores, operários que morriam à míngua, homens que arrancavam da terra quantidade enorme de ouro que os tornava, da noite para o dia, ricos aquisidores de tudo quanto em mercadorias aparecesse na região. Donde, ao lado da exploração das minas, surgiu outra fonte de rendas: a vida de comerciante, chamada então de «carreira das minas». Foi

esta a profissão que João Barbosa abraçou, logo que chegou à terra do ouro. Diga-se de passagem que também esta profissão, no aspecto moral, não se distinguia muito dos demais que por lá viajavam, pois um escritor do tempo registra: «quem passou a serra da Mantiqueira aí deixou dependurada ou sepultada a consciência».

Não sabemos exatamente qual a especialidade do negócio de João, mas sabemos que seu tino administrativo, sua decisão de conseguir riquezas e sua capacidade de trabalho tornaram-no um próspero negociante. Em poucos anos conseguira respeitável fortuna.

NA CIDADE DE PARATI

O comércio ambulante que lhe rendera bons lucros parece não ter satisfeito o jovem João, mais habituado a uma vida estável. Por isso, vamos encontrá-lo, a partir de 1704, fixado na vila de Parati. O principal motivo deve ter sido a situação geográfica e comercial da vila. Pois, sendo ela porto de mar, podia conseguir diretamente as mercadorias da metrópole. Assim, João recebia as mercadorias de Portugal e as remetia a Minas, onde, ao que parece, amigos ou sócios faziam o resto da transação comercial.

Também aqui, como em Minas, suas qualidades de homem de negócios levaram-no a grande prosperidade. Mas esta vida de negócios não deixou o jovem João perder contacto com as coisas de Deus, o que em semelhante gênero de vida não seria nada de estranhar. Um de seus primeiros biógrafos observa: «as agências do mundo nunca lhe serviram de embaraço para lembrar-se

das obrigações de um bom católico». Assim, ligou-se logo ao pároco da vila, auxiliando-o em tudo, fez-se irmão da Irmandade do SS. Sacramento. Uma das devoções do tempo era dirigida às almas do Purgatório. Por isso, cuidou ele de conseguir as devidas licenças para erigir, na vila, a Irmandade da Boa Morte. Todas as obras de caridade recebiam da parte do próspero comerciante largas esmolas, além do exemplo que significava sua correção, sua presença e seu zelo por tudo o que se referisse ao campo espiritual.

A nota mais característica, porém, foi sempre sua simpatia e compaixão pelos pobres que encontravam nele a mão generosa sempre pronta a minorar-lhes as necessidades, a tirá-los de apuros, a garantir-lhe o pão de cada dia que, naqueles tempos como hoje, falta a tantos homens, enquanto na mesa de muitos sobra. Esta sua caridade ser-lhe-á a nota típica em toda a vida. Ele que conhecera na própria carne os efeitos da pobreza procurava que outros não sofressem o que sofrera com as limitações que a pobreza havia imposto a ele e a sua família.

OUTRO TIPO DE NEGÓCIOS

Como corriam as coisas, tudo levava a crer que João Barbosa estava atingindo seus objetivos. Mais alguns anos de trabalho e poderia regressar a Portugal com suficiente fortuna para alterar a situação da família e talvez mesmo restaurá-la no antigo brilho feudal. Mas aí Deus entrou-lhe na vida de forma diferente e alterou os planos do homem. O trabalho espiritual exercido em Parati foi mudando as concepções de João. Foi percebendo que havia outras formas para empregar os talentos e o calor do seu coração. Estava ele na casa dos 30 anos e ainda não tomara estado. Uma das insistências que os amigos lhe faziam constantemente era a relativa ao casamento. E os partidos não lhe faltavam, como observa seu biógrafo, o que não é difícil de entender, dado o estado de fortuna atingido por ele. Usaram mesmo de ardis e ataques astuciosos, a ponto de seu biógrafo chamar a tais amigos de «ministros

de Satanás». Mas nada demovia o nobre comerciante. Apenas lhe aumentava o desgosto por este gênero de vida e pelo ambiente que o cercava.

Foi se acentuando nele o convite para a vida religiosa. Hesitava. Esperava maior clareza. Algum sinal, talvez. Mas afinal, pesando todos os prós e os contras, achou que realmente deveria deixar tudo e entrar na vida religiosa. O problema era agora: como dispor dos bens e onde realizar o novo projeto. Ficar no Brasil ou regressar a Portugal? Assim, passou um tempo relativamente longo, antes de dar o passo decisivo. Um acontecimento trágico veio pôr fim às hesitações. Na aldeia da Aparição, não longe de Parati, um sócio e companheiro seu, por motivos hoje desconhecidos, foi assassinado. A notícia abalou profundamente a João. Conforme seu biógrafo, este acontecimento «levou-o a ponderar o desgraçado fim das riquezas e quão breves são os seus gostos».

Nesta altura da história, muitas Ordens religiosas já estavam estabelecidas e organizadas no Brasil, florescendo algumas com invulgar presença na Igreja. Examinando-as e considerando o espírito de cada uma, nenhuma se afigurou «tão proporcionada a dar

desempenho dos seus santos propósitos, como a Ordem Seráfica de São Francisco de Assis». Porque, como nascera na pobreza, passara depois à riqueza pelo trabalho, queria à luz da fé voltar a ser pobre. E ninguém melhor que Francisco de Assis para guia nesta troca de valores. Iniciou logo os trâmites necessários...

O FRANCISCANO

Tomada a decisão, lançou-se à execução. Procurou o Pe. Provincial que naquele tempo morava no convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, na cidade do Rio de Janeiro. Era o ano de 1704. Os dois conversaram, entenderam-se e o Pe. Provincial viu em João o homem reto e sincero, simples e maduro, comedido e piedoso. Sobretudo, um homem que se sentia chamado por Deus. Por isso, não foram necessárias longas pesquisas para que João fosse admitido à vida franciscana.

Primeiro gesto de João: desfazer-se de todos os bens. Dividiu o que conseguira com o trabalho de longos e penosos anos em três porções: uma parte foi enviada a Portugal «para satisfazer algumas obrigações que lá havia contraído; outra parte foi destinada às obras de caridade; uma terceira parte foi distribuída entre os pobres». Assim, a 8 de novembro de 1704, apresentou-se à portaria

do Convento de S. Bernardino de Sena, em Angra dos Reis. Ali foi recebido na Ordem Franciscana. No dia 11 de novembro trocou suas vestes seculares pelo hábito marrom de São Francisco e trocou seu nome de João pelo de Frei Fabiano de Cristo, nome pelo qual é conhecido ainda em nossos dias, pois foi a partir desta troca que ele enveredou pelos caminhos da santidade que o tornam admirado e venerado até os nossos dias.

Na Ordem Franciscana, existem duas classes de religiosos. Uma, daqueles que desejam apenas ser religiosos, assumindo os trabalhos do convento como sua missão principal. Outra é a daqueles que aceitam, além da vida religiosa, o encargo sacerdotal, necessitando para isso lançar-se a um estudo mais profundo e apurado das ciências sagradas e profanas. Frei Fabiano de Cristo optou pela primeira: quis ser religioso, ou como é chamado nos conventos, tornou-se irmão. Apesar de ter escolhido apenas a vida religiosa, assim mesmo teve que percorrer um tempo de formação, para firmar-se nos usos religiosos e sobretudo para aprender o espírito da Ordem e traduzi-lo na vida diária.

Nesta preparação ocupou o ano de 1705. Findo este, estava preparado para assumir um trabalho — ou vários trabalhos — concreto, em alguma das muitas casas que os Franciscanos possuiam, nos vários estados do sul do Brasil. E pode-se dizer que estava muito bem preparado, pois as crônicas daqueles tempos exaltam a vida levada pelo ex-comerciante de Parati.

NO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DO RIO

Ao findar o ano de 1705, Fr. Fabiano de Cristo recebeu ordens de transferir-se para o convento de S. Antônio do Rio de Janeiro, com o encargo de porteiro, ou seja, ser o homem de ligação entre o Convento com seus habitantes e as pessoas que procuram os frades. Nesse começo do século XVIII, uns 120 religiosos povoavam o convento. Acrescente-se a isso o local do convento colocado no coração da cidade e a devoção a S. Antônio que atraía milhares de devotos, e podemos ter uma idéia do trabalho que se reclamava de um porteiro.

Aliás, na Ordem Franciscana dava-se importância a esta função, pois prescrevia-se fosse ela entregue somente a religiosos de «muita prudência, confiança e virtude, após 15 anos de hábito». A nomeação de Fr. Fabiano de Cristo era um reconhecimento a sua virtude e confiança, pois estava apenas há dois anos na Ordem. Realmente, os depoimentos são unânimes em exaltar a atitude caritativa e a capacidade de receber as pessoas, sem fazer distinção de classe. O que se tornou proverbial, porém, foi sua dedicação aos pobres. Um de seus biógrafos escreveu que «nele achavam os pobres um amante pai».

Outro campo, no convento, que reclama grande caridade é o trato aos doentes e idosos. Por isso, existe o cargo de enfermeiro, e naturalmente uma enfermaria. Apesar do bom trabalho exercido por Fr. Fabiano na portaria, os Superiores pediram, no ano de 1707 ou 1708, que ele tomasse conta da enfermaria. Imediatamente obedeceu e, aqui como na portaria, deu belíssimo exemplo de caridade. Embora não tivesse preparação especial para esta função, a caridade e o esforço pessoal substituiam as deficiências. Praticamente levava sua vida junto aos doentes, a tal ponto que nem sequer tinha um quarto próprio, por longo tempo, contentando-se em dormir em qualquer lugar da enfermaria, para que, dia e noite, pudesse estar à disposição dos doentes. Só mais tarde aceitou um quarto, mas sempre junto à enfermaria.

Neste mister, gastou o resto de sua vida, ou como diz seu mais antigo biógrafo: «nes-

se ministério de enfermeiro ia consumindo quase todo o restante da vida, cerca de trinta e oito anos». Apenas, em certa altura, por alguns tempos, foi exercer o mesmo trabalho no convento de Nossa Senhora dos Anjos, em Cabo Frio, para voltar, em seguida, ao Convento de S. Antônio, onde continuou a exercer sua caridade para com os doentes e idosos.

FORA DOS MUROS DO CONVENTO

Enquanto Fr. Fabiano de Cristo se ocupava pacientemente com seus doentes, a história da primeira metade do século XVIII vivia dias perturbados. Assim, nas terras onde tentara a primeira fortuna, desenrolava-se a guerra dos Emboabas, irrompida em 1708. A política de D. Pedro II de Portugal criou embaraços com a França, repercutindo sobre o Brasil também, pois foi ele atingido pelas represálias francesas. Assim, em 1710, o capitão Carlos Duclerc desembarcou na Guanabara e atacou a cidade. Frente ao perigo, o Superior do Convento de S. Antônio enviou ao Governador o bastão de S. Antônio, para que com ele nas mãos comandasse as tropas lusitanas. Mas o governador preferiu que se colocasse a estátua do Santo em lugar bem visível para presidir os combates. Por esta ocasião, ao que parece, Fr. Fabiano de Cristo recebeu muitos feridos em sua enfermaria.

Embora derrotados nesta primeira tentativa, os franceses voltaram ao ataque no ano seguinte — 1711 — melhor preparados, pois na primeira vez haviam subestimado as defesas da cidade e o valor dos seus defensores. Desta vez vinham comandados por Duguay Trouin e foram melhor sucedidos: ocuparam a cidade, obrigando os habitantes a fugirem. De Minas chegaram reforços comandados pelo general Antônio Albuquerque Coelho que, com suas tropas, hospedou-se no convento de S. Antônio.

Além dos distúrbios causados pelos movimentos políticos, a vida religiosa no convento de S. Antônio — naquela altura centro da Província Franciscana — atravessava suas crises, nascidas sobretudo de uma indisciplina que se ia estabelecendo, originada de privilégios que eram concedidos aos religiosos, por merecimentos ou por mera distinção, além das desavenças surgidas por questões de nacionalidade: portugueses e brasileiros. A tal ponto agravou-se a situação que de Roma veio a ordem da «alternância», ou seja: os cargos seriam exercidos, alternando-se as nacionalidades.

No ano de 1738, deixou o cargo o Provincial Fr. José do Nascimento e seu sucessor teve que renunciar dois meses depois. Estes

fatos querem apenas ilustrar o momento histórico vivido por Fr. Fabiano, que no silêncio de sua enfermaria ficava quase ausente de tudo isso, mas sofria em seu espírito reto e desejoso de perfeição. Ao que parece, contentava-se com passar horas frente ao Santíssimo, para que o Senhor viesse em socorro de seu povo e de seus frades, trazendo a todos a paz e a compreensão.

ENFERMIDADE E MORTE

Com o correr do tempo, o corpo de Fr. Fabiano foi sentindo o peso da idade e dos sacrifícios, na forma de sofrimentos físicos que o crucificaram por quase 30 anos. A causa inicial destes sofrimentos foi uma erisipela — crônica ou intermitente — localizada nas pernas, acentuadamente na esquerda, qualificada por seu biógrafo como «mais que monstruosa». Na perna direita irrompeu uma chaga que o mesmo biógrafo qualifica de «grande e horrorosa chaga, que vertia continuamente copioso pus».

Para aumentar estes sofrimentos nas pernas, apareceu-lhe um quisto num dos joelhos, atribuído por alguns ao muito tempo que o bom irmão permanecia de joelhos nas suas longas horas de oração. Sendo que os recursos do tempo eram primitivos e o espírito de penitência de Fr. Fabiano era sem limites, pode-se fazer uma idéia do quanto sofreu ele. O quisto do joelho foi tratado pelos médicos: foi aberto a ferros em quatro partes. Dentro das possibilidades da medicina de então, sofreu terrivelmente, pois a intervenção afetou seriamente os nervos e, para agravar, não existiam então os antibióticos e outros calmantes para atenuar as dores. E aqui o irmão dava um exemplo edificante de paciência, pois, dizem os confrades que o assistiam, jamais se ouviu dele a mínima queixa ou atitude de revolta. Apenas uma coisa o atormentava: não poder exercer sua função de enfermeiro e ter que ser cuidado, quando seu desejo era cuidar. Quando sua doença reclamava repouso, ele dificilmente se entregava a ele e isso também colaborou para agravamento de seu estado físico geral.

Fr. Fabiano atingira a casa dos 70. O mês de outubro de 1747 trouxe agravamento em seu estado de saúde. Pressentiu que ia «chegando ao fim de seu desterro» e, conforme o biógrafo, anunciou-o a seus confrades, avisando o dia e a hora. Desde então, viveu na preparação para o encontro com a morte que, na espiritualidade franciscana, aprendera a ver como uma irmã e aquela que o conduziria aos braços do Pai, o endereço certo das almas que crêem.

● dia 17 de outubro de 1747 foi o escolhido pelo Pai para chamar seu fiel servo. ● Guardião e demais confrades rodeavam o leito do moribundo. Pelas 14 horas recitaram o salmo dos agonizantes: do abismo clamei a vós, Senhor. Ao chegar ao final, Fr. Fabiano calmamente voou para o Senhor. Quase despercebidamente como vivera, sem barulho, sem chamar a atenção sobre si: tranqüilo e reconciliado com Deus e a vida que terminava, entrou na casa do Pai.

O RECONHECIMENTO

Os irmãos de hábito prestaram imediatamente todos os serviços necessários ao querido irmão, sinceramente pranteado por todos, pois aquela existência humilde significara, de maneira extraordinária, uma presença exemplar na comunidade. Renderam-lhe as últimas homenagens no interior do convento mesmo e, na intenção de evitar tumultos, haviam decidido enterrá-lo às ocultas. Mas não lograram tal, pois sendo o Governador Geral amicíssimo de Fr. Fabiano fez questão de participar das últimas homenagens. E assim, com rapidez, espalhou-se a notícia do passamento do santo irmão, e a população do Rio de Janeiro, segundo seu biógrafo, acorreu ao convento de Santo Antônio, com exclamações de «vamos ver o Santo. Vamos ver o Servo de Deus Fr. Fabiano».

A multidão era tamanha que se fez necessário chamar um corpo de guarda para

manter a ordem, pois todos desejavam ver e tocar aqueles restos que representavam a santidade de Fr. Fabiano. As testemunhas do tempo afirmam que a santidade do irmão transparecia quase concretamente, pois seu rosto, que a doença empalidecera e afeara, tornou-se, na morte, de uma serenidade e beleza impressionantes, tanto assim que o Provincial pediu a um artista fixasse aqueles traços, e o mesmo o fez o Governador Geral. Além disso conservou a flexibilidade dos membros, sem ser tomado pela rigidez cadavérica. Tudo isso era para os presentes a evidente forma de que Deus se encarregara de glorificar aquele humilde filho de S. Francisco.

Naquela época era costume, nos conventos religiosos, sepultar os Religiosos no chão dos claustros. Assim, Fr. Fabiano também foi levado ao local de seu descanso no claustro do convento, no mesmo claustro que ele, muitas vezes ao dia, havia percorrido para exercer sua caridade ou fazer suas orações e meditações. Quem hoje visita o convento de Santo Antônio poderá encontrar, na parede do claustro, quase junto ao chão, uma lápide, onde se lê: Sepultura do Servo de Deus Frei Fabiano de Cristo — ano 1747.

Indica ela o lugar onde foi colocado o corpo deste irmão que o biógrafo exalta com as palavras: «Ditosa vida e ditoso Religioso que na morte se fez credor de aplausos de seus próprios Irmãos, de um povo inteiro, composto de doutos, nobres e plebeus...»

As vozes que em torno de seu corpo e de seu túmulo se ergueram nunca mais silenciaram, porque ainda hoje, de todos os cantos do Brasil, os fiéis recorrem a Fr. Fabiano, numa eloqüente prova de confiança.

NA VORAGEM DO TEMPO

Depois da morte de Fr. Fabiano procuraram os Superiores trabalhar pelo reconhecimento oficial das virtudes e da santidade deste humilde irmão franciscano. Chegaram mesmo a instaurar os começos do processo que deveria levar a este reconhecimento, processo, aliás, nada simples, pois neste particular a Igreja ditou normas muito severas. As dificuldades de comunicação com Roma, as sucessivas mudanças de superiores, as perturbações politicas e religiosas levaram a uma demora que, por sua vez, redundou num como resfriamento no entusiasmo.

Todavia, o povo continuava a venerar e a invocar o santo frade em todas as necessidades e os testemunhos de sua caridade multiplicavam-se, numa eloqüente prova de sua santidade. Passados 30 anos de sua morte, resolveram os superiores do Convento de S. Antônio retirar os ossos de Fr. Fa-

biano de seu sepulcro primitivo e colocá-los em uma urna de chumbo, que, por sua vez, foi colocada na parede que da enfermaria levava à Capela do Senhor Bom Jesus, outrora cela de Fr. Fabiano. A urna ficou oculta por uma camada de cimento. Uma placa de cobre assinalava o local com uma inscrição latina, cuja tradução dizia: «Como outrora, Fabiano, procuravas a saúde dos enfermos, ajuda-nos, agora, com tua intercessão».

A intenção dos superiores foi a melhor: dar um lugar mais digno aos santos despojos. Mas aconteceu o contrário do desejado: os fiéis, não tendo mais acesso às relíquias, lentamente foram esquecendo seu benfeitor. A esta circunstância acrescem vicissitudes que caíram sobre a Provincia Franciscana e o Convento de Santo Antônio, resultantes de uma indisciplina interna e da legislação imperial contra as Ordens Religiosas no Brasil.

O local onde estavam encerrados os ossos de Fr. Fabiano começou a ser abandonado, terminando por cair em ruínas. Dos cento e tantos religiosos do tempo de Fr. Fabiano o Convento não abrigava, em 1870, mais que seis e, aos poucos, o Convento se

foi transformando numa espécie de hospedaria até que, em 1885, D. Pedro II hospedou ali o sétimo Batalhão de Infantaria do Exército atacado de béri-béri. E vieram as depredações e os estragos. A ruína começara um trabalho demolidor, levando consigo a placa de bronze que assinalava o local da urna com os ossos de Fr. Fabiano e os outros vestígios do santo irmão. Assim, quando o batalhão se retirou, ninguém mais sabia do sítio. Inclusive reinava a crença de que o mesmo havia sido violado e os santos despojos roubados. Todos os esforços foram baldados para reencontrá-los.

O REENCONTRO

Não queria Deus fosse este o fim dos ossos de Fr. Fabiano. Escolheu o dia para restitui-los aos devotos. Fr. Pedro Sinzig narra como os santos despojos foram trazidos novamente à luz: «em fins de janeiro do ano de 1924, chuvas fortes e prolongadíssimas causaram grandes estragos e mesmo mortes no Rio e em vários Estados. Às 3 horas da madrugada do dia 2 de fevereiro, com estrondo terrível, ruiu grande parte do muro que, atrás do Convento de S. Antônio, segurava o morro naquela parte onde, antigamente, se achava a enfermaria servida por Fr. Fabiano de Cristo. Em meados de abril, o Guardião da casa, Fr. Inácio Hinte, mandou iniciar as obras de reconstrução do dito muro, e como lhe faltassem pedras, mandou derrubar, no dia 1º de maio deste ano de 1924, o resto do muro que ruíra... Parte do muro havia já sido derrubado, quando, do lado do Convento, de repente, apareceu uma

urna de chumbo, cheia de ossos. Retiraram-na os operários e chamaram o Guardião que logo ficou convencido de tratar-se dos ossos de Fr. Fabiano, pois foram encontrados no local descrito. Abrindo a urna, encontrou em cima, coberto de cal, um documento tão carcomido que só poucas palavras ainda se liam. Estas, porém, nítidas e perfeitas: Frei Fabiano... enfermeiro deste convento... Rio...»

Foi imensa a alegria desta descoberta. Primeira preocupação: encontrar um lugar condigno para os despojos. Resolveram, então, encerrá-los em uma urna de mármore, com uma pequena abertura lateral, por onde se poderiam ver os ossos. A urna foi colocada numa capela, ao lado esquerdo, da Igreja do Convento de Santo Antônio. Para lá chegar, passa-se primeiro pela capela do Senhor Bom Jesus, devoção muito do gosto de Fr. Fabiano de Cristo.

E a veneração recomeçou. Em pouco tempo, os fiéis começaram a procurar o santo irmão, como nos primeiros dias após sua morte. Que Fr. Fabiano continua com a mesma caridade dando, pacientemente, atendimento a todos os pedidos, atestam-no os inúmeros ex-votos que ornam a capela das relí-

quias e a capela onde são acesos os círios a S. Antônio. Ainda hoje, a procissão de devotos continua a desfilar diante do altar singelo que abriga os ossos de Fr. Fabiano. De todos os cantos do Brasil chegam cartas comunicando graças e pedindo lembranças do santo irmão que, pequeno na terra, continua, no céu, uma presença benéfica, atestando como Deus é magnífico em seus santos, pois neles manifesta sua imensa misericórdia e sua paterna solicitude de ajudar os homens pelos homens.

APÊNDICE

ORAÇÕES A FREI FABIANO DE CRISTO

Pedi e recebereis. Batei e abrir-se-vos-á. Procurai e achareis. Tudo o que pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo concederá.

Para pedir o pão de cada dia

Meu querido Frei Fabiano, vós nascestes numa família pobre e sentistes o peso da pobreza. Quando a riqueza chegou às vossas mãos a trocastes pela pobreza de S. Francisco. Em vossa vida sempre manifestastes particular apreço pelo pobre, ouvi minha oração, pela qual eu vos peço o pão de cada dia para a minha família, para que alimentados pelo pão possamos todos realizar a missão que Deus nos confiou. Fazei, porém, que a busca do pão material não nos afaste do pão espiritual e o procuremos com o mesmo ardor, sabendo que é ele a força de nossa caminhada para o Pai. Amém.

Para pedir trabalho

Meu querido Frei Fabiano, que em vida tanto amastes o trabalho e nunca o temes-

tes. Que vistes no trabalho a forma de realizar os planos de Deus. Que sabíeis que pelo trabalho cada um pode encontrar seu lugar na história e ser útil aos outros homens. Por tudo isso vos peço me ajudeis a encontrar um trabalho honesto, pelo qual possa eu cumprir com as minhas obrigações e prover minhas necessidades e as daqueles que Deus me confiou. Alcançai-me do Cristo que foi operário a graça de encontrar um trabalho. Amém.

Para pedir saúde

Meu bondoso Frei Fabiano, que grande parte de vossa vida consumistes no cuidado aos doentes, deixai vosso olhar pousar sobre a enfermidade que me atormenta e, se for da vontade de Deus, concedei que volte a recuperar minha saúde, para que com corpo sadio possa melhor servir a Nosso Senhor e aos irmãos. E junto com a graça da saúde alcançai-me também a graça de fazer bom uso da saúde, que é também um dom de Deus. Lembrai-vos de todos aqueles que sofrem enfermidades no corpo ou na alma e obtende-lhes o alívio e a paciência. Por Cristo Nosso Senhor. Amém.

Nas angústias e tribulações

Meu amado Frei Fabiano, que tivestes a graça de ter sempre a paz da alma e tivestes sempre uma palavra consoladora a todos aqueles que vos procuravam com a alma ferida, vede a angústia que me atormenta o espírito e alcançai-me de Maria Santíssima a paz da alma e a tranqüilidade do espírito, para que possa desempenhar as minhas obrigações de cada dia sem temor e sem desfalecimento. Fazei com que a confiança em Deus se estabeleça em meu coração e nele floresça a esperança. Assim posso confiar em Deus e ter meu espírito tranqüilo. Amém.

Tríduo a Frei Fabiano de Cristo

Deus onipotente, que vos comprazeis em exaltar a humildade de vossos filhos, nós vos agradecemos pelos favores concedidos ao vosso humilde servo Frei Fabiano e vos pedimos que por sua intercessão nos concedais a graça... que vos pedimos com o mes-

mo espírito com que rezava Frei Fabiano, sempre dóceis à vossa vontade. Manifestai, através de Frei Fabiano, a vossa bondade de Pai e fazei que este vosso servo seja elevado à honra dos altares, se isto estiver em vossos planos.

E vós, humilde servo de Deus, alcançai-nos do Senhor a graça que com tanta confiança pedimos, certos de vossa valia junto ao trono de Deus, para que sentindo esta bondade de Deus caminhemos com mais segurança no caminho da nossa santificação pessoal.

Seja Deus por tudo e sempre louvado. Amém.

Rezam-se 1 Pai-Nosso, 1 Ave-Maria e 1 Glória ao Pai.

Para agradecer a graça recebida

Meu amável Frei Fabiano, venho agradecer, de todo o coração, a graça que me alcançastes. Mais uma vez Deus manifestou o quanto valeis junto a ele e mais uma vez me convidais a confiar neste Deus que, atra-

vés de vossa intercessão, ouviu-me numa hora de aflição. Fico agradecido e espero merecer sempre a vossa proteção, para que livre dos perigos da alma e do corpo possa percorrer os caminhos da vida e alcançar vossa companhia na casa do Pai. Amém.

ÍNDICE

1. Prefácio 5
2. Da Terra dos Descobridores 9
3. À Procura de Algo Mais 12
4. À Busca do Ouro 15
5. Na Cidade de Parati 18
6. Outro Tipo de Negócios 20
7. O Franciscano 23
8. No Convento de Santo Antônio do Rio 26
9. Fora dos Muros do Convento 29
10. Enfermidade e Morte 32
11. O Reconhecimento 35
12. Na Voragem do Tempo 38
13. O Reencontro 41
14. Orações a Frei Fabiano de Cristo: 45
— Para pedir o Pão de Cada Dia 47
— Para pedir Trabalho 47
— Para pedir Saúde 48
— Nas Angústias e Tribulações 49
— Tríduo a Frei Fabiano de Cristo 49
— Para Agradecer a Graça Recebida 50

Este livro foi impresso
nas oficinas gráficas da
Editora Vozes Limitada
Rua Frei Luís, 100
Petrópolis, Estado do Rio
de Janeiro, Brasil.

FREI FABIANO DE CRISTO

ORAÇÃO

Deus onipotente e misericordioso, agradecemos à vossa bondade infinita todos os favores que concedestes ao humilde Frei Fabiano de Cristo e vos rogamos que por sua intercessão nos concedais a graça... (nomeie-se a graça) que vos pedimos, e se for do vosso agrado deis ao vosso servo fiel a honra dos altares.

E vós, grande servo de Deus, Frei Fabiano de Cristo, junto ao trono de Deus, rogai por nós para que cresçamos no divino amor, na devoção à Virgem Santíssima, no ódio ao pecado e no verdadeiro amor aos irmãos. Protegei-nos nos perigos da alma e do corpo, para que um dia, convosco, lá no céu, louvemos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, por toda a eternidade. Assim seja!

Com aprovação eclesiástica.

Acrescentam-se três Pai-Nossos e três Ave-Marias em honra da Santíssima Trindade.

CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO
Largo da Carioca - Rio de Janeiro